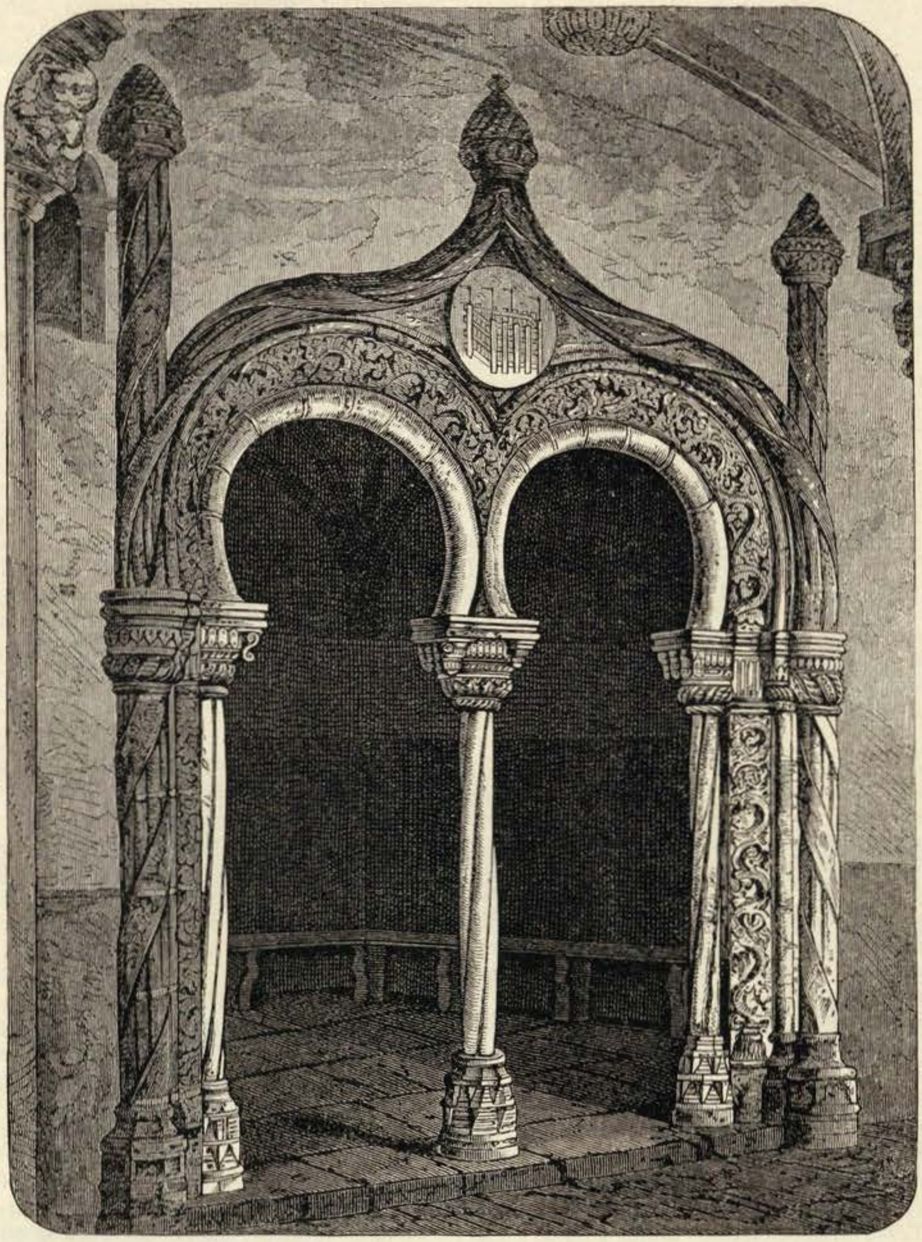


Portal das casas do capitulo e refeitorio, no claustro de S. João Evangelista, em Evora

EVORA

CASA DOS CONEGOS SECULARES DE S. JOÃO EVANGELISTA

(Conclusão. Vid. pag. 385)

O interior da egreja não ostenta primores de architectura nem riqueza de materiaes, mas o seu aspecto é agradavel, e não foram as artes inteiramente remissas em o adornar com certa opulencia, como adiante diremos.

É de mediana grandeza e de uma só nave. A abobada que a cobre é de tijolo, e os seus artezões, imitando pedra, vão apoiar-se sobre delgadas columnas de granito, que se encostam ás paredes do templo. Apenas conta, além da capella-mór, mais quatro capellas: a de Santa Apolonia e a de Christo Crucificado, no cruzeiro, do lado do Evangelho; a de Nossa Senhora da Conceição, tambem no cruzeiro, do lado da Epistola; e a de Nossa Senhora do Rosario junto á porta da egreja. Todas as capellas são de talha doirada e de boa esculptura. N'este genero de arte tem tido Evora, em diversas epochas, mui distinctos artistas, cujas obras se admiram na maior parte dos templos da cidade.

As paredes da egreja são revestidas de azulejos, em que se vê representada, com as figuras de tamanho natural, a vida de S. Lourenço Justiniano, patriarcha de Veneza e conego da congregação de S. Jorge em Alga, da qual procedeu a dos conegos seculares de S. João Evangelista. Além do merecimento artistico que possam ter, estes azulejos são de muito apreço para a historia d'este ramo da ceramica em o nosso paiz, em razão de se saber com exactidão a epocha em que foram feitos, bem como o nome do seu auctor. Em uma parte dos azulejos lê-se a seguinte inscripção:

Antonius ab-Oliva fecit 1711. Antonio de Oliveira fez ou fabricou em 1711.

Jazem n'esta egreja muitos e mui illustres personagens. Se não nos obstára a falta de espaço, poriamos aqui os epitaphios que estão gravados em suas sepulturas, e que são paginas da historia patria pelos altos cargos que muitos d'elles occuparam, e pelos importantes serviços que prestaram ao paiz. Limitar-nos-hemos, pois, a indicar os mais notaveis d'esses personagens. Martim Affonso de Mello, e sua mulher, D. Margarida de Vilhena, paes do conde de Olivença; D. João de Mello, arcebispo de Braga, irmão do dito conde; D. Rodrigo de Mello, conde de Olivença, fundador d'esta casa; sua mulher, a condessa D. Isabel de Menezes. As sepulturas d'estes dois conjuges estão junto dos degraus do altar-mór. Sobre as campas, que são rasas, vêem-se ligeiramente traçadas as suas figuras. No mesmo pavimento, ao lado d'estas, estão outras duas campas com figuras de homem e mulher, gravadas na pedra no mesmo theor, com variados arabescos em torno, e sem inscripção. Cobrem os restos mortaes de D. Alvaro e de sua mulher, D. Filippa; aquelle filho de D. Fernando I, 2.º duque de Bragança; e esta filha do conde de Olivença. Em dois tumulos de marmore jazem Manuel de Mello, irmão do conde de Olivença; Francisco de Mello, seu filho, com D. Brites da Silva, sua mulher. Em duas sepulturas de bronze, ornadas com diversidade de lavores, que se acham na capella de Nossa Senhora do Rosario, estão os epitaphios de Ruy de Sousa, senhor de Sagres e Beringel, e de D. Branca de Vilhena, sua mulher, sobrinha do conde de Olivença. Na mesma egreja, na casa do capitulo e no claustro, estão as sepulturas de D. Rodrigo de Mello, 1.º conde de Tentugal e 1.º marquez de Ferreira, filho de D. Alvaro e de D. Filippa de Mello: as da marqueza, sua mulher, e dos seus descendentes, os condes de Tentugal, marquezes de Ferreira e duques de Cadaval; e de suas mulheres e filhos, entre os quaes se acham D. Eugenia de Bragança, mulher do 2.º marquez de Ferreira, e filha de D. Jayme, 4.º duque de Bragança; e D. João de Bragança, bispo de Vizeu. No claustro está a sepultura do inquisidor João Ferreira Barreto.

Acha-se restituido o culto á egreja de S. João Evangelista, a qual é administrada pelo sr. padre Jacinto Marques, procurador da casa de Cadaval, que diz n'ella missa todos os dias.

O claustro é pequeno e no estilo gothico. Em um dos seus lanços abre-se o esbelto e formoso portal representado na gravura que orna o rosto d'este numero, a qual é cópia de uma photographia. É um lindo specimen d'essa alliança entre os estilos gothico e arabe, que tão bellas e phantasiosas producções creou em o nosso paiz nos fins do seculo XV e principios do XVI. No centro da parte superior do portico, onde se juntam os dois arcos de volta de ferradura, está um escudo com uma fortaleza n'elle gravada. Cremos ser a divisa que tomou o conde de Olivença, em memoria do perigo em que se viu e da gloriosa acção que praticou na expugnação do castello de Arzila.

Dá entrada este portal para uma pequena casa que precede o refeitorio. Em todos os conventos de religiosos ha uma casa que serve de vestibulo ao refeitorio, e na qual a communidade, antes de entrar n'este, nas horas de refeição, recitava algumas orações.

A casa, porém, de que nos occupâmos tinha duplicado serviço. Era ao mesmo tempo vestibulo do refeitorio e casa do capitulo. As paredes são guarnecidas de assentos; a abobada é de tijolo, mas com laçaria de granito, mostrando nos florões os escudos d'armas do conde de Olivença, e dos duques de Cadaval, começado a usar por D. Alvaro, genro do dito conde. No pavimento estão varias campas sepulchraes.

O refeitorio é proporcionado a uma communidade que nunca excedeu a vinte e cinco religiosos. Nada contém que mereça menção especial, e o mesmo dizemos das outras officinas, e do proprio edificio do convento, tão modesto nas dimensões como na architectura.

Depois de estar devoluto bastantes annos, e assim abandonado e exposto ás injurias do tempo, que ia exercendo n'elle a sua acção destruidora, foi salvo da ruina que o ameaçava dando-se-lhe uma applicação muito util e civilisadora. Estabeleceu-se, pois, no edificio do convento um collegio de educação do sexo masculino, de que é director o sr. D. Francisco Xavier da Silva Lobo. Tem aulas de instrucção primaria, de grammatica portugueza, de latim, latinidade, francez, desenho e musica. I. DE VILHENA BARBOSA.

CAUSA E EFFEITO

Não se produz nenhum phenomeno ou acontecimento sem causa, porque é este o principio soberano e regulador da razão humana na averiguação dos factos. Não descobrimos muitas vezes a causa de uma occorrencia, e reputâmos como causa o que é effeito; mas nem a impossibilidade em que estamos de applicar o principio causativo, nem os erros em que viermos a incorrer applicando-o, não podem afastar-nos da adhesão ao principio acceito como regra absoluta e necessaria.

BATALHA DAS LINHAS DE ELVAS

E DESTROÇO DO EXERCITO CASTELHANO EM 14 DE JANEIRO DE 1659

(Conclusão. Vid. pag. 393)

III

Amanheceu, em fim, o dia 14 de janeiro de 1659, um dos mais gloriosos para as armas postuguezas, e digno de perduravel memoria nos fastos da nossa independencia. Referir miudamente a disposição da batalha, com suas peripecias e incidentes, e particularisar os feitos dos nossos valentes soldados, accommettendo peito a peito os inimigos até forçar-lhes as posições, que tão cautelosamente haviam fortificado e defendiam com tamanha vantagem, não nol-o permittem os limites das apertadas columnas d'este semanario. Os que pretenderem haver a narrativa circunstanciada recorram ás historias do tempo, especialmente ao *Portugal restaurado* do conde da Ericeira, D. Luiz de Menezes. É talvez ainda mais minucioso em particularidades um opusculo publicado anonymo, e hoje de grande raridade, cuja composição se attribue a um illustre contemporaneo, o dr. Antonio Barbosa Bacellar: foi impresso em Lisboa no proprio anno de 1659, e voltou a sel-o de novo em 1661, ambas as vezes no formato de 4.º, sendo o seu titulo: *Relação da victoria que alcançaram as armas do muito alto e poderoso rei D. Affonso* VI *em* 14 *de janeiro de* 1659 *contra as de Castella, que tinham sitiado a praça d'Elvas*, etc., etc. Ahi poderão os leitores saciar amplamente a sua patriotica curiosidade.

Diremos, pois, em resumo que, levantado o campo e posto na ordem que mais conveniente pareceu, avançou o nosso exercito, e pelas oito horas da manhã investiu animoso os inimigos pelo logar chamado dos Murtaes. Ahi, despregadas as bandeiras ao som marcial das trombetas e tambores, atacaram os terços da vanguarda cada um a linha ou fortim que lhe cabia em sorte. Com inexplicavel ardor se arrojavam uns a cegar o fosso, outros a abater a terra, outros a saltar as trincheiras, laborando entretanto incessantes as bocas de fogo, nas quaes bebia a morte grande numero de combatentes de uma e outra parte. Em breve se estendeu o ataque a outros pontos, não sem que os

atacados se defendessem corajosamente em todos; e, engrossando por ambas as partes os esquadrões, auxiliados os nossos por D. Sancho Manuel, que da praça saíra com toda a gente de que pôde dispor, pelejou-se valorosamente no espaço de muitas horas com fortuna indecisa, até que, rotas as linhas e desbaratados os castelhanos, se declarou a victoria pelos portuguezes. Padeceram aquelles uma das maiores perdas que desde muitos seculos havia experimentado a coroa de Hespanha.

Subiu a dez mil, segundo se affirma, o numero dos mortos e prisioneiros, contando-se entre uns e outros muitos cabos e officiaes recommendaveis por nobreza e valor. Foram despojos da batalha dezesete peças de artilheria de varios calibres, tres morteiros, cinco petardos, quinze mil armas, e grande numero de bandeiras, tomadas no calor da peleja aos que mal souberam defendel-as.

Nos quarteis se encontrou immensa quantidade de munições e provimentos de boca; e um preciosissimo espolio em moveis e alfaias nas casas de madeira, que para seu alojamento fizera construir o general D. Luiz de Haro. Este, como diz um nosso auctor, mais costumado á viração das lisonjas que á tempestade das balas, logo de principio desamparára o campo, retirando-se a Badajoz, e com tamanha pressa que deixou nas mesmas casas todos os papeis da sua secretaria, e n'elles manifestos os mais intimos segredos do estado.

A nossa perda entre mortos e feridos não passou de oitocentos homens, entrando alguns officiaes superiores de grande porte, e tornando-se entre todas digna de maior lastima a do valoroso André de Albuquerque, atravessado por uma bala de mosquete no maior calor da refrega, e quando pretendia reanimar a coragem de alguns soldados que, tendo atacado um forte, começavam a vacillar, detidos pela estacada que lhes impedia o passo.

Foi de maiores consequencias para o reino esta esclarecida victoria, porque respirou da afflicção em que se via, revestindo-se os portuguezes de novos alentos para sustentação da causa nacional em que tão denodadamente se empenhavam; e as potencias européas, quer alliadas, quer adversas, entraram a nosso respeito em mais alta consideração, vendo que nossas armas, com quanto fracas e diminutas parecessem, bastavam, todavia, sem auxilio de estranhos, para repellir e derrotar as hostes inteiras e veteranas dos castelhanos, os quaes em repetidos manifestos haviam preconisado por segura e inevitavel a conquista do reino. Houve por isso em todo elle grandes festas, sendo tantas as demonstrações de gosto e applauso quanto haviam sido pouco antes os motivos de receio e sobresalto.

Tem-se perpetuado a memoria do beneficio [1]; e ainda hoje, no dia anniversario da brilhante acção, os elvenses agradecidos concorrem, na egreja cathedral, a render ao Todo Poderoso graças votivas pelo assignalado triumpho que n'aquelle dia assegurou liberdade, patria e independencia a seus antepassados.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

THOMAR

CASTELLO DOS TEMPLARIOS E CONVENTO DA ORDEM MILITAR DE CHRISTO

(Vid. pag. 380)

XVI

EDIFICIO DO CONVENTO; DORMITORIOS, REFEITORIO, HOSPEDARIAS, CASA DE NOVIÇOS, ETC.

O convento de Christo é um dos maiores edificios do nosso paiz. A parte principal d'elle é obra del-rei D. João III. Seu neto, el-rei D. Sebastião, e os tres Filippes de Castella accrescentaram-n'o bastante. A frontaria mais nobre corre em grande extensão de terreno na direcção de oéste para léste. Está voltada para o norte, e cae sobre a estrada velha que conduz de Lisboa á cidade de Thomar, passando junto do castello, e descendo em zigue-zagues a ingreme encosta que serve de base á fortaleza dos templarios. Esta fachada é grandiosa pela sua altura e extensão, pela solidez com que está construida, e por certa nobreza que lhe dão as grandes janellas de sacada e varandas, que se abrem no centro e nas extremidades da mesma frontaria. Comtudo, em razão de ter sido edificada em differentes periodos dos seculos XVI e XVII, sob a direcção de diversos architectos, não apresenta a regularidade de architectura, que em qualquer edificio é a primeira condição de belleza. No centro d'esta fachada fica o portico da entrada principal do convento, communicando com um vasto claustro, fundado por el-rei D. João III. Das janellas do andar nobre desfructa-se um lindo panorama de montes com suas capellas na cumiada; do dilatado e formosissimo valle por onde corre o Nabão; e da cidade de Thomar, que se estende em uma planicie desde a raiz da montanha, em que se ergue o castello e o convento, até ao rio.

De um lado vae rematar a frente lateral, que é pequena, nos muros do castello; e do outro lado corre uma frontaria, com variedade de fórmas e de architectura, pelo fundo de um espaçoso pateo, fechado com muro, e ao qual dá ingresso um grande portal. Pertence ao sr. conde de Thomar uma parte do edificio que deita para este pateo, e que se compõe de dois pavimentos: o terreo, que resalta muito para fóra, e onde estão as officinas ruraes; e o alto, que consta de uma galeria de salas com portas de vidraça para um amplo terrado que se alonga por todo o comprimento d'ella. N'aquellas salas foram hospedados a rainha sr.ª D. Maria II, el-rei o sr. D. Fernando II, e seus dois filhos mais velhos, quando honraram com a sua visita o venerando monumento de Thomar. O pateo acha-se em parte transformado em jardim, com seu lago imitando a natureza.

A outra fachada do convento, opposta á principal, cae sobre a cêrca, e tambem é propriedade do sr. conde de Thomar. Encosta-se a ella o aqueducto que conduz agua para o edificio e para a cêrca. Esta fachada vê-se representada em a gravura a pag. 249. Aqui observa-se maior irregularidade que na frente principal do convento, pois que nas suas janellas e

[1] Ao *Sermão* (impresso) *que na festividade do dia 14 de Janeiro de 1857, anniversario das linhas d'Elvas, prégou na santa egreja cathedral perante a ill.ma camara municipal o conego vigario Manuel Joaquim Barradas*, etc., etc., achâmos appensa a pag. 29 e 30 a seguinte curiosa nota:

«Na distancia de 700 toezas contadas da magistral da praça de Elvas, e na direcção relativa a esta, entre NNO. e NO4N., sobre o caminho de Barbacena e em terreno elevado, existe em memoria da famosa batalha um padrão, que consiste em uma columna da ordem toscana, com pedestal assente sobre proporcionado pavimento, a que se sobe por tres degraus, em cada uma das quatro faces correspondentes ás do pedestal, tudo de marmore branco. O corpo da columna tem de alto dezeseis palmos, com o do pedestal vinte um, e tem, quanto ás demais peças, as dimensões respectivas á ordem a que pertence. Sobre o capitel ha um pequeno socco em que assenta uma coroa real, cujo diametro não excede o do mesmo capitel. Occupando quasi tres faces do pedestal, lê-se a seguinte inscripção:

«*No anno de 1659, reynando em Portugal D. Affonso o sexto, em terça feira 14 de Janeiro do mesmo anno, D. Antonio Luiz de Menezes, Marquez de Marialva, Capitão General desta Provincia do Alemtejo, introduzio soccorro na praça e cidade d'Elvas, que estava sitiada por D. Luiz de Haro, Capitão General d'Extremadura, primeiro Ministro d'ElRei Filippe o quarto, atacando, rompendo, desmantelando, e ganhando a circumvalação inimiga, artilharia, bagage, munições e secretaria, e tomando muitos cabos e prizioneiros. Esta memoria se poz para que os mortaes dêem graças ao Senhor dos Exercitos e Victorias, roguem pelas almas dos que se acharão, e derão as vidas em tão singular e porfiada batalha, que durou desde as nove horas da manhem atê se çarrar a noite.*

«No outeiro fronteiro á praça de Elvas, e ao poente da mesma, mandou el-rei D. Affonso VI edificar uma bella ermida, dedicada a S. Jorge (grito de guerra), com capellão para alli dizer missa quotidiana, com responso rezado pelas almas dos que morreram na batalha. O capellão era pago pelo almoxarifado, e depois pela thesouraria das tropas, com 16$000 réis por mez. O ermitão recebia 40 réis por dia, e um pão (soldo diario), e meio alqueire de azeite por mez para a alampada, e tinha muito boa casa contigua á egreja para residir. Pela nova ordem de coisas eliminaram-se aquellas verbas da despeza do estado!..»

frestas vêem-se mui differentes estilos de architectura, e na cantaria diversa côr, revelando assim os grandes espaços de tempo que mediaram entre a primeira fundação, que parece abrangeria apenas os dois pavimentos inferiores, e os accrescentamentos posteriores com que se foi elevando toda esta parte do convento, destinada para hospedarias.

A vista que se goza das janellas d'esta frontaria é mais pittoresca, mais bella e de maior amenidade que a do lado opposto.

Os aposentos do prior-mór occupavam uma parte da frente principal do convento. Constavam de varias salas e quartos, não ricos, mas com bastante largueza.

Os dormitorios são muito espaçosos e recebem abundante claridade das grandes janellas conventuaes.

A casa do noviciado é de mediana capacidade e nada encerra digno de menção.

O refeitorio é uma boa e bem construida casa de abobada de pedra, a que dão luz largas janellas. Não ostenta ornamentos nem bellezas de architectura, como succede á maior parte das obras del-rei D. João III. Posto que não seja uma casa tão vasta como se deveria presumir que fosse o refeitorio de um convento em que se contam 8 claustros, todavia, abstrahindo d'esta idéa, tem bastante grandeza, e tal que alli reuniu el-rei D. Filippe III de Castella o capitulo geral da ordem de Christo em 1619, como dissemos em outro logar.

O celeiro, adega e casa de lagares são officinas magnificas, em tudo condignas com a grandiosidade do convento e com a opulencia da ordem. Cobrem-n'as soberbas abobadas de pedra, contruidas com muita perfeição e solidez, com seus artezões e florões mui bem lavrados, sendo sustentadas por grossas columnas ou pilares de cantaria, tão perfeitos que os não faria melhor o canteiro para decoração de um templo. Estas officinas são contiguas e pertencem ao sr. conde de Thomar. As suas portas e janellas deitam de um lado para o pateo de que acima fallámos, e do outro para um dos lanços do claustro dos Corvos, representado em a gravura a pag. 281, e do qual tratámos a pag. 368.

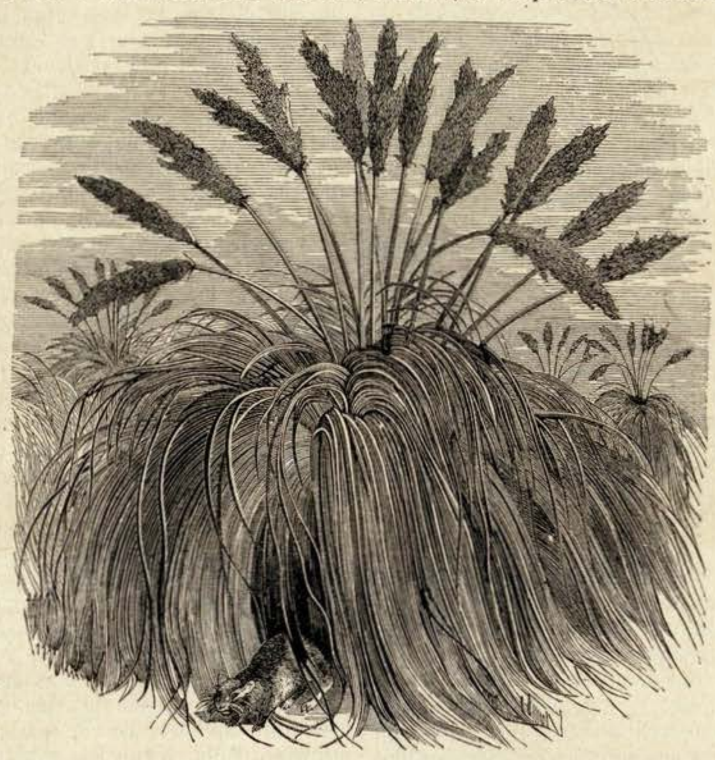
(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

GYNERIO PRATEADO

Nas verdejantes planicies que se estendem desde Montevideo até Rio Negro cresce e avulta sobre as gramineas, que constituem quasi exclusivamente a vegetação d'aquelle territorio, uma planta que, por seu porte gentil e pelo gracioso effeito produzido por suas numerosas flores, é o mais bello ornamento d'aquellas risonhas paizagens. Chamam-lhe os indigenas *herva dos Pampas*, não obstante elevar-se do solo á altura de alguns metros. Os botanicos denominaram-n'a *gynerium argenteum*.

As suas folhas, excessivamente compridas, mui rijas, e com as bordas cortantes, como as da canna vulgar, crescem direitas, ou com pequena curva, até á altura, pouco mais ou menos, de dois metros, quando a planta se acha em todo o seu vigor; depois continuam ainda a crescer, mas recurvadas, formando um como arco, de sorte que as exteriores tocam com a extremidade no chão, e muitas vezes n'elle se dobram, ou se estendem pela superficie da terra.

D'entre o espesso massiço d'esta esbelta folhagem erguem-se garbosamente sobre elevadas hasteas as flores, que são como plumas de mimosa pennugem, com mais de 60 centimetros de altura, ao principio lustrosas e argentinas, mais tarde, quando desabrocham completamente, quando as suas febras, delicadissimas e subtis, se desprendem e soltam umas das outras, de modo que o vento facilmente as arrebata e leva, então assimilham-se na côr a uma estriga de linho.



Gynerio prateado

Florece esta planta no outono; reproduz-se com facilidade pela separação dos rebentos, e demanda terrenos frescos. Data de mui poucos annos a sua introducção nos jardins da Europa. Em França receberam-n'a com enthusiasmo os amadores de jardinagem, e, dispondo-a junto d'agua, fizeram d'ella o mais pittoresco e singular adorno dos lagos, das fontes e cascatas.

Em Portugal foi mui recentemente introduzido o gynerio. Possuem os jardins do palacio de cristal, no Porto, alguns bonitos exemplares d'esta planta. Porém o mais bello que temos visto, pela sua grandeza, elegancia de fórmas e pompas da vegetação, é na quinta da Formiga, em Villar do Paraiso, concelho de Villa Nova de Gaya, da qual já fallámos a pag. 304 do vol. VII. Plantado alli junto a um lago ha quatro annos, deu umas doze plumas no segundo anno, mais de quarenta no terceiro, e no quarto, que foi o de 1867, passou de oitenta o numero d'ellas, baloiçando-se no ar em altura de uns cinco metros. O seu aspecto durante a florescencia, que se prolonga pelo inverno, é de um effeito encantador. As plumas, apanhadas antes que as chuvas as despojem da tenue felpa que as faz engraçadas e mimosas, servem, postas em jarras, para ornamento das salas, conservando-se bellas por longos mezes. No anno passado viram-se em Paris, e tambem de lá vieram para Lisboa, chapelinhos de senhora enfeitados com fragmentos das plumas do *gynerium argenteum*.

Na quinta acima referida, e n'outros jardins que conhecemos, existe uma outra variedade d'esta planta, chamada *gynerium rubrum*. É egual no porte e na folhagem á que descrevemos; mas nas plumas fica-lhe muito inferior. Não tem a belleza d'aquellas.

I. DE VILHENA BARBOSA.